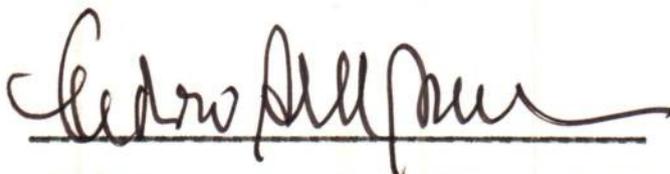


À DIREÇÃO DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS

Prezados senhores:

Vimos pela presente solicitar de V.Sas. a cessão do espaço do corredor do subsolo da sede dessa Escola, no Parque Lage, para realização do projeto descrito em documento anexo, no período de 19 de setembro de 1989 a 17 de outubro do mesmo ano.

Sem mais, subscrevemo-nos cordialmente



Eudoro Augusto Macleira de Sousa

Coordenador do projeto

CINEMA: TÚNEL DO IMAGINÁRIO

Roleta, bilheteria, peças publicitárias, stills, releases, cartazes, mostra paralela, premiação, todos os elementos convencionais dos eventos mitificados em Cannes, V<sup>E</sup>neza, New York, Rio de Janeiro, Gramado.

O TÚNEL DO IMAGINÁRIO não é, portanto, uma luz no fim do mesmo. Não supõe crítica ou exaltação a um cinema nacional, nem referência aos conflitos em que imerge a questão da sua sobrevivência. Seria simplesmente um corredor de luz, em cujo percurso o olhar aturdido do espectador poderá distinguir/confundir as imagens de uma história utópica sobre as possibilidades inesgotáveis de um país feliz.

#### EQUIPE DE CRIAÇÃO

Eudoro Augusto - Concepção e textos  
Cafi - Concepção e fotos  
Luiz Alphonsus - Pintura e montagem  
Maurício Arraes - Pintura  
Thereza Simões - Néon  
Pedro de Moraes - Fotos  
Jorge Barrão - Escultura  
Gisela Magalhães - Supervisão de montagem

## CINEMA: TUNEL DO IMAGINÁRIO

O projeto parte da sugestão de um cinema imaginário, mas não fantasioso, isto é, desenvolve-se como projeção de uma arte potencialmente viável dentro de uma realidade que incorpora escancarada imaginação. A realidade da imaginação. Uma utopia brasílica, lírica mas tão real quanto inatos são na cabeça do brasileiro o instinto lúdico, o impulso do prazer, ou mesmo a dolorosa perda de um paraíso que sempre habitamos mas jamais usufruímos plenamente.

A mostra não se refere, portanto, à história registrada do cinema brasileiro, com seus pioneiros, heróis, mártires e vilões. O trajeto destas imagens e destas palavras passa pelo olhar (ou câmera) conceitual de um cinema-ficção (não cinema de ficção), pelo documento do inexistente (não pelo documentário), que passa assim a existir pelo falso registro destes filmes. Filmes que apenas não existem porque o Real bate nas costas brasileiras mediado por variáveis e estranhas ondulações, vagas movidas pela maré instável da especulação, da indiferença, da alienação. Ondas fétidas que não merecem nosso litoral atlântico. Seriam fitas capazes de infiltrar-se pela inconsciência de um mercado rambotrapalhaõ. Que possam encontrar o coração amazônico destes valorosos cineastas fictícios.

O espaço físico do projeto pretende reproduzir cenograficamente o hall de um cinema, em algum lugar do Primeiro Mundo, um Palais du Festival imaginário → como espaço de amostragem de um mais que possível novíssimo cinema brasileiro.